


A produção de animações e o ensino de saúde mental na escola: Perspectivas e limitações

The production of animations and the teaching of mental health at school: Perspectives and limitations

 <https://doi.org/10.56238/cienciasaudeestuepesv1-066>

Emanuel Carlos dos Anjos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Francy Izanny de Brito Barbosa Martins

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

RESUMO

Os casos de transtornos mentais estão cada vez mais presentes entre crianças e adolescentes brasileiros. Muito tem se discutido sobre maneiras de promover saúde mental e prevenir as doenças da mente e um dos caminhos mais propícios para isso é através da educação, com propostas pedagógicas que abordem a saúde mental na escola. Este artigo traz a experiência de um trabalho de conclusão de curso com produção de animações, discutindo a eficiência dessa proposta para o ensino dos transtornos da mente mais conhecidos, a partir de conhecimentos prévios dos estudantes. Desse modo, a pesquisa foi caracterizada de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, e teve como objetivo analisar os limites e as potencialidades da produção de animações como estratégia metodológica para a aprendizagem de conteúdos sobre saúde mental na escola. Ela teve como locus a Escola Estadual Santa Luzia, localizada na cidade de Vera Cruz/RN, e foi realizada com alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental. A análise dos dados revelou que houve aprendizado significativo por meio da reelaboração de conceitos mais complexos e com definições mais próximas das definições científicas. A proposta promoveu um trabalho coletivo, com estudantes ativos e protagonistas na elaboração e produção das animações, o que proporciona habilidades sociais e emocionais que promovem o desenvolvimento das competências

socioemocionais, aquisição determinante para a formação de indivíduos resilientes e emocionalmente saudáveis.

Palavras-chave: Animações, Ensino, Saúde mental, Competências socioemocionais.

ABSTRACT

Cases of mental disorders are increasingly present among Brazilian children and adolescents. Much has been discussed about ways to promote mental health and prevent mental illness and one of the most favorable ways for this is through education, with pedagogical proposals that address mental health at school. This article brings the experience of a course conclusion work with animation production, discussing the efficiency of this proposal for the teaching of the most known disorders of the mind, based on the students' previous knowledge. Thus, the research was characterized by a qualitative approach, of the action-research type, and aimed to analyze the limits and potential of animation production as a methodological strategy for learning content about mental health at school. It had as its locus the Santa Luzia State School, located in the city of Vera Cruz/RN, and was carried out with students from the 6th year of elementary school. Data analysis revealed that there was significant learning through the re-elaboration of more complex concepts and definitions closer to scientific definitions. The proposal promoted collective work, with active students and protagonists in the elaboration and production of animations, which provides social and emotional skills that promote the development of socio-emotional skills, a crucial acquisition for the formation of resilient and emotionally healthy individuals.

Keywords: Animations, Teaching, Mental health, Sócio-emotional skills.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil entre 10 e 20% das crianças e adolescentes apresentam algum tipo de transtorno mental conforme demonstram dados epistemológicos (VIEIRA; ESTANISLAU; BRESSAN; BORDIN, 2014, p. 13), devido a isso, é cada vez mais comum casos de transtornos de ordem emocional no ambiente escolar e isso angústia o professor que não está preparado para lidar com o problema. Observando esse fenômeno crescente no cotidiano escolar, atualmente me surpreende a frequência com que estudantes nas escolas em que trabalho relatam quadros depressivos e de ansiedade, alguns precisando inclusive de tratamento médico e psicológico para voltar ao seu bem-estar psíquico e a rotina de sala de aula.

Essa realidade para qual a escola não está preparada, tem me motivado a compreender melhor o problema e a buscar contribuições que possam me ajudar e ajudar outros professores a trabalhar com a temática da saúde mental e, quem sabe, contribuir minimamente com a formação de pessoas mais resilientes.

Desse modo, buscamos conhecer melhor os transtornos mentais que são doenças mentais que interferem em funções cognitivas como a percepção, a atenção e a memória e por isso tem influência sobre o aprendizado, gerando baixos rendimentos escolares e até o abandono da escola. No entanto, é a escola que tem sido vista como o caminho para capacitar crianças e adolescentes para lidar com suas emoções, para promover a educação, de modo que pessoas em formação aprendam a melhor gerenciá-las garantindo-os saúde mental. Afinal, segundo Costa, Figueiredo e Ribeiro (2013), o objetivo da escola não seria apenas o de ser um lugar onde se produz conhecimento, mas também de ser um lugar em que promova a saúde de todos os seus participantes, ou seja, no seu ambiente coletivo.

Acredita-se que iniciativas que trabalhem com a promoção da saúde mental e a prevenção de transtornos da mente reduzam casos psiquiátricos (BRESSAN; KIELING; ESTANISLAU; MARI, 2014, p. 38) o que torna de grande importância à abordagem do tema dentro da escola, visto seu papel na promoção da saúde, assegurado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (1996) e que ganhou consistência nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997) com os conteúdos sobre saúde humana introduzidos no currículo de forma transversal.

Embora se reconheça a importância da educação em saúde na formação do estudante, trabalhos sobre a temática e intervenções para a promoção da saúde mental ainda são escassos segundo Cid e Gasparini (2016). A falta de material pedagógico de apoio voltado para a temática também dificulta o trabalho do professor, a exemplo dos livros didáticos de Ciências da Natureza que aborda problemas de saúde relacionados ao sistema nervoso, porém não considera as doenças de ordem psíquica.

É importante considerar a urgente necessidade de se trabalhar com o tema saúde mental na escola, não apenas pelos números que retratam adoecimentos de crianças e adolescentes ou pelas vantagens preventivas que traz o aprender sobre o conceito de saúde, sobre o conhecimento e o reconhecimento da sintomatologia dos diversos transtornos, mas também para abrir na escola um espaço para diálogo, empatia, compreensão do outro e para o combate aos estigmas, que geram a discriminação.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) inova ao considerar que a formação do estudante brasileiro deve contemplar a aquisição de competências socioemocionais, pois a partir delas é possível formar indivíduos com autoconhecimento, capazes de praticar o autocuidado, que saibam lidar com suas emoções, cooperar e pensar no bem comum, dentro da escola e na sociedade da qual faz parte. Metodologias que favorecem o desenvolvimento de competências socioemocionais são aquelas que colocam o estudante no centro do seu processo de aprendizagem, que promovem seu protagonismo, que o torna ativo na expressão de suas ideias, reflexões e conclusões, também que permitam a capacidade de dialogar, se expressar, compreender o ponto de vista do outro, de desenvolver sua autocritica e cooperar na construção coletiva de trabalhos.

Este artigo avalia a possibilidade da produção de animações como uma metodologia ativa de trabalho, analisando sua eficiência para promover o aprendizado sobre saúde mental ao mesmo tempo que estimule o desenvolvimento de competências socioemocionais, já que a proposta metodológica foi pensada de modo a favorecer a interação entre os estudantes e conduzi-los a uma construção participativa desde a escrita da história até a produção da animação, oferecendo oportunidades para o diálogo, para expressões de suas opiniões, bem como para aprender a ouvir, compreender o outro e trabalhar de forma colaborativa.

A pesquisa ajudará a entender como os estudantes compreendem o adoecimento mental e quais transtornos eles conhecem, além de responder questões como: a produção de animações pode ser considerada uma metodologia ativa eficiente para promover o aprendizado sobre saúde mental? Utilizar a produção de animações na sala de aula favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais?

Neste sentido, esta pesquisa teve por objetivo geral: analisar os limites e as potencialidades da produção de animações como estratégia metodológica para a aprendizagem de conteúdos sobre saúde mental na escola; e como objetivos específicos: a) identificar as concepções prévias dos estudantes sobre os conceitos dos transtornos mais conhecidos em saúde mental; b) desenvolver, por meio do aplicativo Plotagon, animações relativas à temática; c) avaliar o aplicativo Plotagon para criação das animações; e d) verificar se houve aquisição ou aprimoramento dos conceitos em saúde mental por parte dos estudantes.

O artigo inicialmente discorrerá sobre o seu referencial teórico onde abordará aspectos relativo a escola e a promoção de saúde mental na prevenção de transtornos, em seguida apresentará a metodologia que foi estabelecida para a realização da pesquisa, no terceiro momento descreverá a análise dos dados e apresentará os resultados obtidos na investigação, finalizando, então, com as considerações finais.

2 A ESCOLA E A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NA PREVENÇÃO DE TRANSTORNOS

Nas últimas décadas o conceito de saúde passou por mudanças e uma nova compreensão do que é estar saudável surgiu. A saúde deixou de ser uma condição puramente biológica e passou a considerar outros fatores como os psicológicos e os sociais para uma definição mais realista, porém mais complexa. Diante desse novo paradigma, a preocupação com o bem-estar psíquico ganhou evidência principalmente pelos dados de adoecimento em todo o mundo, não diferenciando faixas etárias e atingindo crianças e

adolescentes. Estudos demonstraram que a determinação da saúde mental em crianças está envolvida com fatores presentes em seu contexto de vida (CID; MATSUKURA, 2014)

Diante disso, salienta-se a importância da escola, onde crianças e adolescentes passam grande parte de seu tempo e experimentam os mais variados sentimentos e emoções promovidos por suas vivências e relações interpessoais. A escola como espaço de caráter psicossocial, tem sido fortemente pensada como um lugar estratégico e privilegiado para se discutir, refletir, aprender, promover saúde mental e prevenir os transtornos da mente.

No entanto Soares, Estanislau, Brietzke, Lefèvre e Bressan (2014) revelaram que há pouca informação disponível sobre o tema para os professores e essa falta gera insegurança e dificuldade no trato cotidiano de situações que envolvam transtornos mentais. A promoção da saúde mental, bem como a prevenção de transtornos mentais constituem mecanismos essenciais no contexto escolar, pois contribuem para a construção da resiliência, diminuição de estigmas relacionados aos transtornos da mente, além de melhorar o rendimento acadêmico dos alunos, já que “jovens afetados por transtornos mentais apresentam com mais frequência rendimento acadêmico inferior, evasão escolar e envolvimento com problemas legais” (VIEIRA; ESTANISLAU; BRESSAN; BORDIN, 2014, p. 13).

2.1 APRENDIZAGEM SOCIOEMOCIONAL E SAÚDE MENTAL

A escola, enquanto local de promoção da saúde mental, deve contemplar em seu projeto político pedagógico, diretrizes que orientem seus professores e os estimulem ao trabalho visando à aprendizagem socioemocional de seus estudantes. Essa se caracteriza pelo processo de aquisição de habilidades que auxiliam a pessoa a lidar consigo mesma, com os outros e a desempenhar tarefas de maneira competente e ética (TECLA; NORGRÉN; FERREIRA; ESTANISLAU; FÓZ, 2014, p. 49). As habilidades socioemocionais adquiridas compreendem aspectos importantes para o desenvolvimento de crianças e adolescentes mentalmente saudáveis, como o autoconhecimento e autocontrole, do ponto de vista pessoal, bem como a consciência social e habilidades com relacionamentos interpessoais, que os tornarão competentes para lidar com o outro, cooperando quando necessário, tornando-se empáticos e capazes de lidar com conflitos.

Não é à toa que a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), na sua versão atualizada, direcionou uma proposta de educação que implementa as competências socioemocionais dentro das competências gerais que devem ser adquiridas pelo estudante brasileiro ao longo de sua vida escolar, formando indivíduos de uma forma integral e isso implica na educação das emoções.

Em 1947 Henry Wallon já evidenciava a importância das emoções e afetividade no contexto escolar. Para o autor não era possível considerar que o aluno comparecesse a sala de aula apenas com sua cognição, não levando em conta seus vínculos sociais e a relação destes com suas emoções. Os estudos de Wallon identificaram que as crianças precisam do convívio social com adultos e com outras crianças para que experimente relações diferentes das que vivenciam com seus familiares, aprendendo com isso a lidar com

os sentimentos relacionados ao convívio, como a aceitação e a frustração, contribuindo para o aprendizado na superação de conflitos.

A aquisição de competências socioemocionais se fundamenta em Wallon já que o mesmo considera que “o desenvolvimento psíquico da criança se faz por fases que não são a perfeita continuação umas das outras.” (WALLON, 1975, p. 12 apud ABED, 2014, p. 48). Cada fase com crises e conflitos que relacionam fatores próprios da criança (internos) com aqueles que são próprios do meio (externos), promovendo uma integração progressiva com as formas de funcionamento anteriores e gerando funções cada vez mais aptas à interação (ABED, 2014, p. 48) resultando em um aprendizado socioemocional e no desenvolvimento de competências socioemocionais.

Tal resultado referente à aquisição de competências socioemocionais promove saúde mental, visto que contribui para o aluno entender suas emoções, proporciona autoconhecimento e autonomia, permitindo-o se relacionar, de forma saudável, consigo mesmo e com outras pessoas, capacitando-o para resolução de conflitos, desenvolvendo sua empatia, contribuindo para comportamentos sociais mais positivos e reduzindo as chances de estresses emocionais.

2.2 TIPIFICAÇÕES DE TRANSTORNOS EM SAÚDE MENTAL: APRENDIZADO E PREVENÇÃO

São muitos os transtornos da mente humana, cada qual com sintomas e características particulares que permite ao profissional da saúde mental fazer um diagnóstico preciso. Profissionais de educação não tem a responsabilidade de fazer diagnósticos, no entanto, conhecer mais sobre a natureza humana não sobrecarrega, e sim empodera o profissional em sua prática (KUTCHER; WEI; ESTANISLAU, 2014, p. 66).

Entre as tantas doenças mentais algumas são mais conhecidas pela população em geral e encontram definições dentro do senso comum, porém para saber lidar melhor com tais doenças e para saber buscar ajuda profissional quando necessário é preciso conhecê-las melhor a partir do conhecimento científico, caracterizando-as a partir de sintomas e mudanças comportamentais envolvidas no adoecimento.

Os transtornos de humor são aqueles que alteram as emoções fazendo o indivíduo ficar em um estado de tristeza persistente ou oscilar entre a tristeza e a euforia. Os dois transtornos mais conhecidos são a Depressão e o Transtorno Bipolar. No primeiro se estabelece um quadro de tristeza duradoura, presente em grande parte do dia e por pelo menos duas semanas, costuma apresentar sintomas como perda de interesse e prazer por atividades, alterações no sono e apetite, culpa, dificuldade de concentração e até pensamentos suicidas. No Transtorno bipolar, além dos sintomas comuns a depressão, o indivíduo oscila para momentos de euforia onde é comum apresentar-se excessivamente alegre, com crenças de grandiosidade, deboche e até irritabilidade.

Os transtornos de ansiedade mais comuns são o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), fobias específicas, Ataques ou Transtorno de Pânico e o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), que por apresentar características tão particulares foi investigado separadamente nesta pesquisa. De uma forma

geral esse tipo de transtorno apresenta sintomas comuns como preocupações excessivas e persistentes, pensamentos intrusivos de conteúdo negativo, falta de ar, taquicardia, formigamento, sensação de nó na garganta, agitação, mudanças no padrão do sono e apetite.

O TOC é caracterizado por obsessões e compulsões que interferem no bem-estar e na vida cotidiana do indivíduo, as obsessões são pensamentos, medos irracionais, preocupações ou imagens invasivas, indesejadas e perturbadoras que causam grande ansiedade ao tentar elimina-las, não sendo possível, o indivíduo desenvolve as compulsões, rituais mentais ou comportamentais, geralmente executadas várias vezes, de forma excessiva e muitas vezes padronizadas por regras criadas pela pessoa portadora do transtorno que sendo executadas aliviam momentaneamente o incomodo ansioso, até que novos pensamentos obsessivos surjam e novos rituais sejam realizados mantendo o padrão do transtorno.

A doença mental mais conhecida e mencionada no sendo comum é a Esquizofrenia, conhecida popularmente por loucura, ela traz grande sofrimento aos afetados não apenas pelos sintomas, mas pelo estigma e preconceito que a falta de esclarecimento promove. Esse transtorno ainda é visto como ameaça as normas sociais, causador de desordem e sem solução, gerando segregação do esquizofrênico da sociedade. Os principais sintomas da doença incluem desordens nas emoções, na percepção e no pensamento, além de delírios e alucinações.

Conhecer mais sobre esses problemas e abordá-los na escola pode ser o caminho para prevenção, por isso professores precisam buscar formação e informação que os prepare, afinal é a partir do trabalho docente que os alunos poderão ter acesso ao aprendizado em saúde menta e esse aprendizado precisa ser significativo e permanente.

Segundo David Ausubel (2003) uma aprendizagem significativa é aquela que se constrói ancorada em conhecimentos prévios que o aprendiz traz consigo, cabe ao professor elaborar uma proposta metodológica que dê sentido as informações que serão apresentadas para os alunos, assim eles poderão reconfigurar o que já sabem, acrescentando as novas informações e estabelecendo o aprendizado.

Todos os transtornos anteriormente tratados neste tópico estão inseridos no cotidiano da maioria das pessoas e por serem os mais conhecidos, constituem importantes pontos de ancoragem para se trabalhar uma proposta que aborde a temática da saúde mental na escola, aproveitando o que os alunos já conhecem a partir de seu contexto de vida para produzir aprendizado consistente e que poderá ser útil para o autocuidado e a prevenção do adoecimento mental.

2.3 A PRODUÇÃO DE ANIMAÇÕES NO CONTEXTO DAS APRENDIZAGENS DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

Quando se pensa numa educação voltada para a formação humana integral, conforme estabelece a BNCC (2018), é impossível não considerar a importância de se investir no desenvolvimento de habilidades que preparem crianças e adolescentes para lidar, não apenas com as demandas cognitivas da vida, mas também para ser emocionalmente competente diante das necessidades que exijam resolução de conflitos,

altruísmo, empatia, cooperação, resiliência, autocontrole e autocuidado e para isso o documento considerou introduzir as competências socioemocionais como integrantes das dez competências gerais para a educação básica do Brasil.

Para contribuir com a formação de alunos mentalmente saudáveis, a escola e seus professores devem trabalhar com metodologias que favoreçam o desenvolvimento dessas competências socioemocionais. “As metodologias ativas são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências socioemocionais e em novas práticas” (MORAN, 2013, p. 1). O trabalho com metodologias ativas permite desafios e atividades que quando devidamente planejados contribuem na aquisição das competências desejadas, sejam elas intelectuais, emocionais, pessoais ou comunicacionais (MORAN, 2015, p.18).

No contexto das estratégias que estão centradas na participação efetiva do aluno e que estimulem seu protagonismo, conforme preconizam as metodologias ativas, a produção de animações por parte de alunos, com a mediação do professor, pode ser uma importante estratégia para promover o aprendizado construído. Na medida em que as etapas para produção da animação acontecem, etapas para o desenvolvimento de habilidades também são conquistadas, a aprendizagem se torna mais significativa e o conhecimento se estabelece.

A animação desde que foi criada estabeleceu-se como uma forma de diversão para crianças e adolescentes. Essa arte tem sido utilizada de diversas formas, não apenas no entretenimento, mas também como espaços educativos para promover o ensino (KINDEL, 2003). Siqueira (2016) também corrobora com a ideia das animações com potencial para possibilitar o aprendizado ao promover conhecimento, bem como transmitir costumes, tradições e estilos da sociedade.

Um estudo de Luiz e Andrade (2013) reconhece a importância dos filmes de animação como ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem, porém, evidencia a importância do planejamento pedagógico para que a animação seja bem contextualizada e o professor estabeleça com clareza o objetivo do uso da animação na sua aula. Trabalhos sobre a utilização das animações, especialmente da produção delas, ainda são poucos, porém, o que se encontra aponta para o grande potencial pedagógico desses filmes.

As animações constituem um recurso de ludicidade, que prende a atenção e permitem o aprendizado de forma divertida, além oferecem maior dinamismo ao processo de ensino e aprendizagem, dessa forma tornam-se significativas e podem ser utilizadas objetivando a aquisição das competências e habilidades esperadas para os estudantes em formação escolar, incluindo as socioemocionais e suas contribuições para a saúde mental dos estudantes.

Diante do que foi posto, torna-se de grande importância às pesquisas que abordam as animações e seu potencial pedagógico, a exploração desse recurso, através de uma proposta metodológica ativa, criativa e dinâmica como produzir as próprias animações, torna o aluno protagonista de seu aprendizado, levando-os a utilizar as informações adquiridas na aula para simulações animadas da realidade, permitindo que o conhecimento adquirido possa ser visualizado em situações da vida cotidiana.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa científica é o meio pelo qual, através de um dado procedimento metodológico, se obtém respostas para os questionamentos de uma investigação e se alcança os objetivos traçados para ela. Como afirma Marconi e Lakatos (2009), a pesquisa é um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos.

Para realização das ações e procedimentos desta investigação, optou-se por uma pesquisa ação do tipo exploratória de abordagem mista. Esta, segundo Oliveira (2012), consiste em uma reflexão e análise da realidade por meio do uso de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo a sua estruturação. A pesquisa Quanti-qualitativa torna-se importante nessa proposta investigativa, pois permite uma compreensão maior da realidade e do contexto dos participantes, ideal para compreensão de suas concepções.

A pesquisa foi realizada com alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental, uma turma com 28 alunos constituída de 13 meninas e 15 meninos com idade entre 11 e 12 anos, da Escola Estadual Santa Luzia localizada na cidade de Vera Cruz/RN, com autorização registrada de seus responsáveis legais através da assinatura de um termo de autorização. A escolha do referido ano escolar ocorreu mediante observância dos objetos de conhecimento abordados no ensino fundamental, isso porque para falar de saúde mental é necessário compreender fundamentos da anatomia e fisiologia do sistema nervoso, fundamentos estes, trabalhados na unidade temática “Vida e Evolução” do 6º ano, segundo atual proposta da Base nacional Comum Curricular (BNCC).

A proposta foi realizada em formato de ensino híbrido. Inicialmente foi explicando aos estudantes que seria adotada uma nova metodologia para abordagem da temática “Saúde Mental” e logo após foi aplicado um questionário com fins de registrar as concepções alternativas sobre os conceitos de alguns dos transtornos mentais mais comuns. Foram disponibilizadas animações curtas com conceitos e características de algumas doenças mentais, estas foram assistidas em casa e em aula posterior houve uma roda de conversa mediada pelo professor, onde se promoveu o diálogo confrontando as concepções prévias e os conceitos cientificamente definidos. Na aula seguinte, os estudantes foram divididos em grupos e orientados na produção de uma animação curta sobre o que aprendeu a respeito da temática, por meio do aplicativo “Plotagon”, utilizando textos base sobre o assunto para fundamentar seus roteiros. Por fim, um novo questionário foi aplicado, para coletar informações sobre o aprendizado adquirido.

Os questionários utilizados eram do tipo semiestruturados contendo perguntas abertas e fechadas. Para Gil (2007), o questionário é uma técnica de investigação formada de questões que são aplicadas com sujeitos para reunir informações a respeito das suas crenças, sentimentos, valores, interesses e expectativas. Após aplicação dos questionários, a análise dos conteúdos ocorreu segundo sistematização proposta por

Bardin (2011) que a organiza nas etapas de pré-análise, exploração do material e por fim, o tratamento dos resultados, tornando-os significativos.

4 ANÁLISE DE DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As respostas colhidas por meio dos questionários revelaram uma diversificação de conceitos cuja análise requereu um tratamento categórico das informações, isto permitiu uma leitura mais clara e objetiva, contribuindo para uma melhor compreensão das mesmas. Os dados foram apresentados de duas maneiras: na forma de gráficos que mostram as respostas em números por categoria ou em porcentagem. A análise das respostas dos questionários permitiu a tabulação dos seguintes dados:

O primeiro questionário aplicado tinha por objetivo conhecer os conhecimentos prévios dos estudantes, por isso era constituído de questões abertas que perguntavam sobre o conceito de algumas das doenças mentais mais conhecidas no senso comum.

A saúde é definida pela OMS como um completo bem-estar físico, mental e social (SILVA; SCHRAIBER; MOTA, 2019, p. 2) do indivíduo, então se esperava encontrar respostas que abordassem as instancias, biológica (física), psicológica (mental) e a social para um conceito melhor definido, no entanto foram registradas respostas que consideravam esses aspectos de forma independentes e, por isso, para compreensão melhor de como pensavam os estudantes, as respostas foram categorizadas em: Conceitos emocionais (CE), conceitos comportamentais (CC), conceitos mistos (CM), este último trazendo uma concepção mais ampla envolvendo base biológica, sentimento, comportamento e possíveis efeitos sociais para definir as doenças, ou Conceito desconhecido (CD). O quadro 01 demonstra essas diferenças.

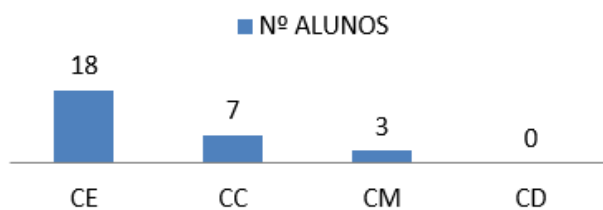
Quadro 01: Categorização dos conceitos: Exemplos de respostas

CATEGORIA DO CONCEITO	EXEMPLO DE RESPOSTAS
Conceitos Emocionais (CE)	“A depressão é uma doença que a pessoa sente muita tristeza”. (A06)
Conceitos Comportamentais (CC)	“Ansiedade a pessoa fica agitada e não consegue dormir”. (A12)
Conceitos Mistos (CM)	“A depressão é uma doença que deixa as pessoas tristes, elas se isolam e não querem falar com ninguém”. (A22)
Conceito Desconhecido (CD)	“Não sei o que é TOC”. (A13)

Fonte: Fonte própria

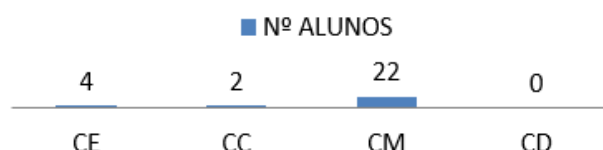
A análise comparativa entre as respostas previamente coletadas e as respostas obtidas depois do trabalho com a produção de animações revelam uma aquisição de informações, com aprendizado de conceitos que se aproximam mais da caracterização real dos transtornos estudados. Os gráficos 01 e 02 mostram como se expressaram os conceitos de depressão antes e depois do trabalho com as animações.

GRÁFICO 01: CONCEITO PRÉVIO DE DEPRESSÃO



Fonte: Fonte própria

GRÁFICO 02: CONCEITO POSTERIOR DE DEPRESSÃO



Fonte: Fonte própria

Os gráficos revelam um grande aumento dos conceitos na categoria “Misto” indicando que após a realização do trabalho com animação os alunos conseguiram caracterizar melhor a doença, compreendendo-a melhor enquanto um transtorno emocional, de base biológica, com influência sobre o comportamento, como é possível observar nas respostas selecionadas no quadro 02.

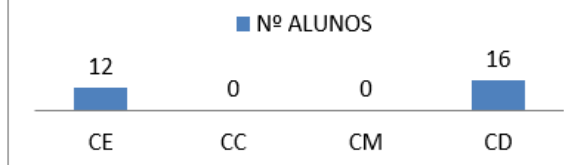
Quadro 02: Conceitos de depressão antes e depois da produção das animações

CONCEITOS PRÉVIOS
“Depressão é uma doença que causa tristeza”. (A09)
“A pessoa com depressão sente solidão”. (A11)
“Acho que depressão é quando a pessoa fica muito triste e sente sempre muita vontade de chorar”. (A24)
CONCEITOS POSTERIORES
“A depressão é uma doença séria que causa tristeza e faz a pessoa perder a vontade de trabalhar, de estudar e até de viver”. (A09)
“Depressão é uma doença do cérebro que faz as pessoas ficarem muito triste, se isolando, só quer ficar trancada no quarto e sozinha e tem dificuldade para dormir.”. (A11)
“A pessoa com depressão tem uma doença na mente e perde a vontade de viver, não se alimenta bem e se isola da família e dos amigos, por estar sempre triste”. (A24)

Fonte: Fonte própria

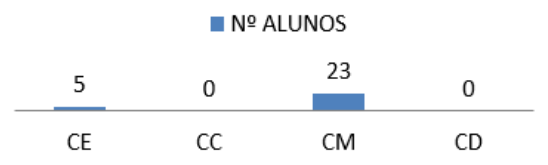
Quando perguntados sobre o conceito de transtorno bipolar percebe-se que a maioria não conhecia o termo, mas entre os que conheciam havia a ideia de que era um transtorno ligado apenas aos sentimentos, como mostram os gráficos 03 e 04.

GRÁFICO 03: CONCEITO PRÉVIO DE TRANSTORNO BIPOLAR



Fonte: Fonte própria

GRÁFICO 04: CONCEITO POSTERIOR DE TRANSTORNO BIPOLAR



Fonte: Fonte própria

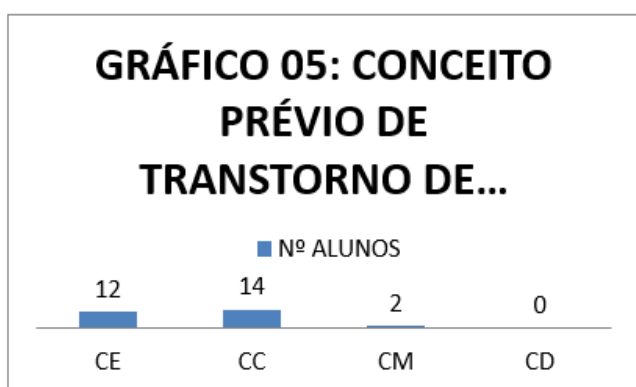
Depois do trabalho realizado observou-se um grande aumento do número de conceitos “mistos” que acrescentavam maiores informações sobre o comportamento e caracterizava melhor o estado emocional de alguém afetado pelo problema, como demonstram as respostas no quadro 03.

Quadro 03: Conceitos de transtorno bipolar antes e depois da produção das animações

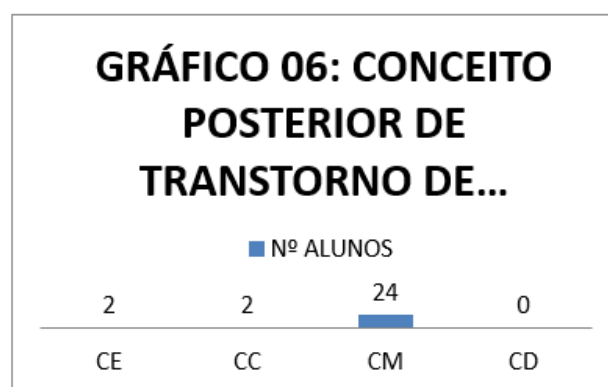
CONCEITOS PRÉVIOS
<p>“Uma pessoa bipolar fica com muita raiva de uma hora para outra”. (A03)</p> <p>“Acho que é quando alguém está feliz e do nada fica triste”. (A4)</p> <p>“A pessoa com bipolar muda muito o que está sentindo em relação as pessoas, fica triste, com raiva, feliz rápido”. (A19)</p>
CONCEITOS POSTERIORES
<p>“A pessoa bipolar tem uma alteração no cérebro e isso faz mudar rápido de alegria para tristeza e por isso ela pode fazer várias coisas como comprar muito quando está muito feliz ou até se matar quando está muito triste”. (A03)</p> <p>“Essa doença faz a pessoa que tem ela ficar hora com uma tristeza muito grande, tipo depressão e depois com uma alegria muito grande e isso faz eles não saíam com amigos na fase triste ou faça coisas que não devem nos momentos da alegria descontrolada”. (A4)</p> <p>“É uma doença causada por um desequilíbrio no cérebro que melhora com um remédio, a pessoa pode ficar depressiva ou sentir muita alegria de uma hora pra outra e pode ter atitudes descontroladas”. (A19)</p>

Fonte: Fonte própria

Com relação ao conceito de Transtorno de Ansiedade, percebeu-se que o termo “ansiedade” é bastante comum e presente entre os estudantes, porém com uma caracterização não patológica. Os estudantes confundiram a ansiedade natural, como a que antecede um evento importante, com ansiedade patológica. Essa confusão é comum, tendo sido necessário explicar para a turma que a ansiedade é uma emoção comum a todos e que o transtorno de ansiedade, com exacerbação de sintomas ansiosos, é o que caracteriza uma ansiedade doente. Entre as respostas coletadas depois do trabalho com as animações foi possível perceber uma caracterização melhor do quadro sintomático de um Transtorno de Ansiedade, conforme demonstra os gráficos 05 e 06.



Fonte: Fonte própria



Fonte: Fonte própria

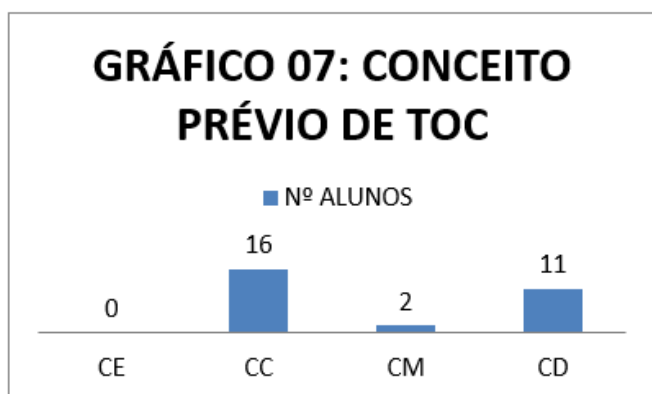
Foi possível observar uma diferenciação melhor entre a ansiedade natural e a patológica através de uma definição mais abrangente do Transtorno de ansiedade, com suas implicações sintomatológicas e comportamentais. O quadro 04 traz as respostas que permitem tais conclusões.

Quadro 04: Conceitos de transtorno de ansiedade antes e depois da produção das animações.

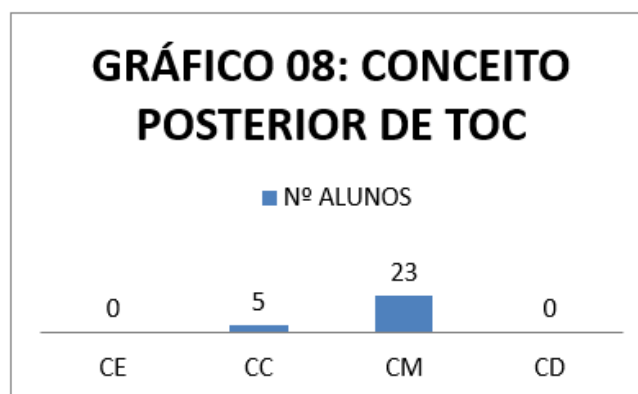
CONCEITOS PRÉVIOS
“A pessoa sente aflição, um sentimento ruim”. (A02)
“A pessoa com ansiedade sente angústia e não consegue dormir”. (A05)
“Ansiedade é quando alguém fica nervosa e com medo”. (A07)
CONCEITOS POSTERIORES
“É um problema da mente que a pessoa se sente aflita, com falta de ar, coração batendo forte e como medos que não existem. Ela pode deixar de sair de casa, pode desistir de viajar...” (A02)
“A ansiedade é uma doença que causa mal estar em quem tem, sente angústia, fobia e a pessoa têm vários sintomas como coração acelerado, vontade de vomitar e pode ter até pânico”. (A05)
“É uma doença que dá muito nervosismo, o doente não consegue ficar quieto, tem falta de ar, medo de coisas que não existem e pode deixar de vim até pra escola ou outros lugares”. (A07)

Fonte: Fonte própria

O Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) que é conhecido no senso comum por causar mudanças comportamentais características como lavar excessivamente as mãos, excesso de conferência nas fechaduras, dificuldade de pisar em linhas, comportamentos repetitivos, entre outros. Essa forma de pensar o transtorno de forma comportamental foi evidenciada no gráfico 07.



Fonte: Fonte própria



Fonte: Fonte própria

Durante a roda de conversa alguns estudantes falaram sobre o TOC com um humor leve, o que levou os demais a risadas quando se discutia alguns padrões de compulsão, posteriormente foi possível observar com a reaplicação do questionário de conceitos, que houve um aprendizado sobre o TOC, considerando os rituais como expressões provenientes de pensamentos, crenças e emoções disfuncionais, os conceitos passaram a ser mistos em sua maioria (gráfico 08); também foi observada a incorporação da ideia de sofrimento aos conceitos repensados, o que não tinha sido citado nos conhecimentos prévios, conferindo seriedade ao transtorno e sinalizando maior sensibilidade e empatia dos estudantes. É possível perceber a mudança nos conceitos através das respostas evidenciadas no quadro 05.

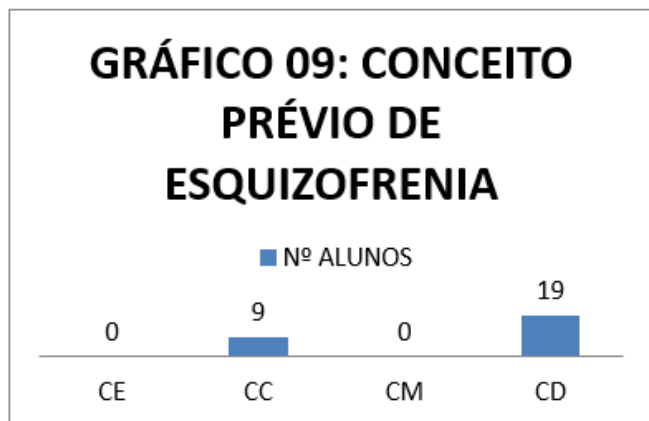
Quadro 05: Conceitos de transtorno obsessivo compulsivo (TOC) antes e depois da produção das animações

CONCEITOS PRÉVIOS
“Quem tem TOC repete as coisas muitas vezes igual um maluco”. (A20)
“O que eu sei é que a pessoa lava as mãos muitas vezes mesmo estando limpas”. (A16)
“A pessoa que tem TOC liga e desliga as luzes sem parar, fica vendo se o fogão está desligado...” (A28)
CONCEITOS POSTERIORES
“O TOC é uma doença que as pessoas pensam alguma coisa e ficam se sentindo mal, por isso elas fazem muitas vezes a mesma coisa, repetindo para tentar parar o pensamento”. (A20)
“O TOC é um problema que faz a pessoa sofrer porque ela não consegue parar de fazer algumas coisas, porque ele tem pensamentos ruins que faz a pessoa repetir as coisas para evitar os pensamentos”. (A16)
“As pessoas confere muito as coisas e tem comportamentos estranhos porque tem pensamentos que ficam na cabeça delas causando ansiedade, aí ela tem que fazer aquilo para se acalmar”. (A28)

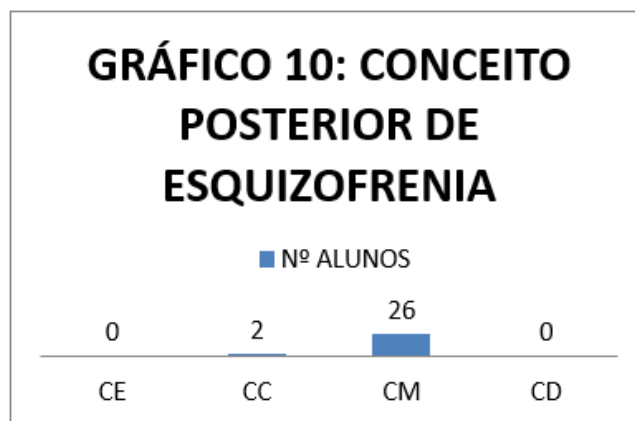
Fonte: Fonte própria

A última doença que os estudantes caracterizaram através de um conceito foi à esquizofrenia, porém, inicialmente nenhum dos alunos sabia definir o problema, pois nunca tinham ouvido falar na palavra, foram então informados que se tratava da “loucura”, termo popular através do qual a doença é conhecida, a partir disso, demonstraram conhecer do que se tratava.

A análise dos dados revelou que a grande maioria da turma não sabia definir a doença ou seus sintomas, apenas 09 respostas trouxeram conceitos caracterizando a Esquizofrenia a partir do comportamento dos indivíduos afetados, os outros 19 não responderam a questão ou escreveram expressões como “Não sei” ou “Não consigo responder” (Gráfico 09). Pelo fato do termo “loucura” está muito presente no cotidiano das pessoas, nas expressões da linguagem e ditos populares, em personagens dos filmes, novelas e literatura, esperava-se que os estudantes tivessem menor dificuldade de conceituá-la, porém não foi o que aconteceu.



Fonte: Fonte própria



Fonte: Fonte própria

Após a conclusão da proposta da pesquisa e da reaplicação do questionário de conceitos observou-se definições mistas mais próximas do conceito científico trabalhado (Gráfico 10). A grande maioria dos alunos reescreveram os conceitos considerando bases biológicas da doença, sintomas clássicos como alucinações e delírios, alguns pontuaram inclusive aspectos sociais do estigma que carrega a esquizofrenia,

o que é importante para ver a doença sob outra perspectiva, pensando na reinserção do afetado em um convívio social saudável e livre de preconceitos.

Quadro 05: Conceitos de esquizofrenia antes e depois da produção das animações

CONCEITOS PRÉVIOS
“Acho que a doença deixa a pessoa agressiva”. (A17)
“A pessoa que é louca sai pelas ruas falando sozinha”. (A28)
“É uma doença que deixa a pessoa desorientada, ela foge de casa, do hospital e não sabe o que está fazendo” (A02)
CONCEITOS POSTERIORES
“É uma doença do cérebro e quando a pessoa está com a doença ela vê e ouve coisas que não existem”. (A17)
“A esquizofrenia é uma doença no cérebro e que causa grande sofrimento porque a pessoa fica confusa, confunde o que é real com visões, ouve vozes e ainda são excluídos porque as pessoas tem medo dos loucos”. (A28)
“Esquizofrenia é uma doença que faz a pessoa ter alucinações, ela fica agressiva por isso as pessoas podem ter medo e não ajudar, isso piora a situação do doente porque algumas famílias abandonam nos hospícios”. (A02)

Fonte: Fonte própria

Analisando todos os gráficos é possível perceber que em todos houve uma mudança no número de respostas que inicialmente consideravam apenas um aspecto, sendo ele emocional ou comportamental, para definição dos transtornos mentais, após a realização da proposta da pesquisa, nota-se um aumento considerável de conceitos mistos que levaram em conta ideias iniciais que os estudantes traziam consigo e ideias novas adquiridas com o trabalho das animações, corroborando com o que defende David Ausubel ao anunciar que as “ideias novas interagem com as ideias relevantes ancoradas e o produto principal desta interação torna-se, para o aprendiz, o significado das ideias de instrução acabadas de introduzir”(AUSUBEL, 2003, p.8)

Considerando que a avaliação da proposta metodológica, enquanto meio para se alcançar o aprendizado de maneira ativa, interessante e eficiente, sofre influência da avaliação do aplicativo utilizado para produção das animações, foram feitas algumas perguntas sobre o aplicativo Plotagon.

Quando perguntados sobre o uso do aplicativo Plotagon para produção das animações, 14 alunos (42,85%) classificaram-no como de uso fácil, não relatando dificuldades na utilização das suas funções, porém 16 alunos (57,14%) avaliaram-no como difícil, justificando que os termos na língua inglesa dificultaram o processo da criação. No entanto, vale salientar que todos os grupos receberam um material impresso com todos os termos que seriam utilizados e suas traduções e significados úteis ao processo de produção da animação.

Sobre a experiência de criar animações com o aplicativo Plotagon 21 alunos (75%) relataram ter gostado do trabalho, 03 alunos (10,71%), responderam que não gostaram, porém não justificaram o porquê de suas respostas e 04 participantes (14,28%) não responderam. Da mesma forma, 21 alunos (75%) responderam que “sim” quando perguntados se a produção de animações com o Plotagon deixou as aulas mais interessantes; 03 dos alunos (10,71%) marcaram “não”, sem justificativas e 04 alunos (14,28%) não marcaram nenhuma alternativa.

Por fim, quando perguntados se a produção de animações ajudou a aprender sobre saúde mental, 26 dos participantes da pesquisa (92,85%) responderam que “sim”, o que demonstra boa aceitação e eficiência

da proposta metodológica com relação a seu objetivo. Apenas 02 alunos (7,14%) não responderam a questão.

No que se refere a aquisição de competências socioemocionais através da aprendizagem socioemocional a análise das respostas coletadas através do questionário revelaram que o trabalho com a produção das animações, realizado de forma coletiva em grupos de sete estudantes, contribuiu significativamente para a construção do aprendizado, com participação ativa do estudante nas discussões, na exposição de ideias e na compreensão e valorização do outro, contribuindo para atitudes colaborativas, empáticas e importantes na exposição conflituosa de ideias e pensamentos, experimentando oportunidades para o desenvolvimento das competências socioemocionais.

A proposta promoveu boa interação entre os participantes, já que quando perguntados se o trabalho em grupo favoreceu a produção da animação através de uma construção colaborativa, 25 alunos (89,28%) responderam que sim e 03 alunos (10,71%) responderam “Não”, porém apenas um justificou sua resposta dizendo que achou “muita gente falando ao mesmo tempo”.

Quando perguntados sobre a própria participação na produção da animação, 23 estudantes (82,14%) responderam que conseguiram dar ideias e suas sugestões foram discutidas pelo grupo, isso demonstra eficiência da proposta enquanto metodologia que coloque o estudante como protagonista de seu aprendizado e o torna ativo na construção do seu conhecimento. Dos 28 participantes, 04 (14,28%) acharam que sua participação não fez diferença na produção da animação e apenas 01 (3,57%) achou que não conseguiu expor suas ideias e que não houve espaço para que todos falassem.

Por último, para avaliar se a proposta contribuiu para promover autoconfiança, melhorar a autoestima e gerar sentimentos de satisfação e bem-estar relacionados ao próprio trabalho e sua percepção como parte de um resultado coletivo de sucesso, foi perguntado se o aluno achou que suas ideias foram valorizadas pelo seu grupo, 23 estudantes (82,14%) responderam que “Sim”, enquanto 05 (17,85%) dos entrevistados não responderam a pergunta. Os números sugerem que a proposta metodológica é eficiente para promoção de uma boa autoestima e contribui para autoconfiança dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a produção de animações demonstrou ser uma metodologia eficiente tanto para motivar os estudantes através de seu caráter lúdico, quanto para promover aprendizado. Na proposta foram trabalhados os conceitos dos transtornos mentais mais conhecidos no senso comum como depressão, transtorno bipolar, transtornos de ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e esquizofrenia abordando-os em seus aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais, discutindo também as reverberações sociais como preconceitos e estigmas.

De modo geral, em se tratando dos diversos conceitos abordados, foi observado que se estabeleceu um aprendizado pelo aumento significativo de respostas com conceitos categorizados como “mistos”, após o trabalho com as animações, muitos dos conceitos repensados e redefinidos consideravam aspectos

biológicos, emocionais e comportamentais relacionados para caracterizar as doenças estudadas, além de observar a presença de aspectos importantes como sensibilidade empatia o que contribui para um aprendizado mais humanizado, ajudando para a diminuição do preconceito e dos estigmas que acompanham os transtornos.

Nesta pesquisa com animações, houve uma avaliação positiva por parte dos estudantes ao concordarem que as aulas se tornaram mais interessantes e que o trabalho contribuiu de forma eficiente para o aprendizado sobre saúde mental. A metodologia também se mostrou eficiente na promoção do trabalho colaborativo, estimulando a expressão de opiniões, a discussão de ideias, a escuta e a compreensão do ponto de vista do colega, os estudantes trabalharam juntos de forma ativa, tornando-se protagonistas na execução da proposta, estas são características essenciais em um trabalho que estimule o aprendizado socioemocional e o desenvolvimento de competências socioemocionais.

Na avaliação do aplicativo Plotagon, embora os estudantes tenham gostado de criar animações com ele, uma parte considerável deles classificou o aplicativo como de uso difícil, registrando os termos e funções na língua inglesa como principal dificuldade para a utilização, o que faz pensar que os estudantes gostaram da criação da animação em si, não necessariamente do aplicativo. Recomendam-se outros estudos utilizando outros aplicativos ou métodos de produzir animações, que torne a proposta com animações mais fácil e possivelmente mais atrativa e eficiente no alcance dos objetivos de aprendizagem almejados.

REFERÊNCIAS

Abed, anita lilian zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. São paulo. 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15891-habilidades-socioemocionais-produto-1-pdf&itemid=30192. Acesso em: 17 fev. 2021.

Ausubel, david p.. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: plátano edições técnicas, 2003.

Bardin, laurence. Análise de conteúdo. São paulo: edições 70, 2011. Brasil. Ministério da educação. Base nacional comum curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/bncc_ei_ef_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

Brasil. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: sef, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

Bressan, rodrigo affonseca; christian, kieling; m., estanislaú gustavo; mari, jair de jesus (comp.). Promoção da saúde mental e prevenção de transtornos mentais no contexto escolar. In: estanislaú, gustavo m.; bressan, rodrigo affonseca (org.). Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Porto alegre: artmed, 2014. Cap. 3. P. 37-48.

Cid, maria fernanda barboza; gasparini, danieli amanda. Ações de promoção à saúde mental infantojuvenil no contexto escolar: um estudo de revisão. Revista faculdade santo agostinho, teresina, v. 13, n. 1, p. 97-144, fev. 2016. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/968/747>. Acesso em: 5 fev. 2021.

Cid, maria fernanda barboza; matsukura, thelma simões. Problemas de saúde mental em escolares e seus responsáveis: um estudo de prevalência. Revista de terapia ocupacional da universidade de são paulo, são paulo, v. 1, n. 25, p. 1-10, fev. 2014. Jan/abr. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/56173/87283>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Costa, gilberto martins; figueredo, rogério carvalho de; ribeiro, mirelly da silva. A importância de enfermeiro junto ao pse nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de gurupi- to. Revista científica do itpac, araguaína, v. 6, n. 2, p. 1-12, 6 abr. 2013. Disponível em: <https://assets.unitpac.com.br/arquivos/revista/62/6.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

Gil, antônio carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São paulo: atlas, 2007.

Kindel, eunice aita isaia. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais.... 195 f. Tese (doutorado) - curso de programa de pós-graduação em educação, faculdade de educação, universidade federal do rio grande do sul, rio grande do sul, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/2504>. Acesso em: 3 abr. 2021. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei n. 9.394/96. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed. Pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

Kutcher, stan; wei, yifeng; estanislaú, gustavo m.. Educação em saúde mental: uma nova perspectiva. In: estanislaú, gustavo m.; bressan, rodrigo affonseca (org.). Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Porto alegre: artmed, 2014. P. 63-70.

Luiz, ariete cristiane; andrade, áurea viana. Filmes de animação: uma proposta de ferramenta e linguagem para ensino de geografia. In: paraná. Secretaria de estado da educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde, 2016. Campo morão. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_geo_unespar-campomourao_arielecristianeluiz.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.

Marconi, marina de andrade; lakatos, eva maria. Metodologia científica: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria; hipóteses e variáveis; metodologia jurídica. São paulo: atlas, 2009.

Moran, j. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In: convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.

Moran, josé. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. São paulo. 2013. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.

Oliveira, maria marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Rio de janeiro: vozes, 2012.

Siqueira, denise da costa oliveira. O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais. Em questão, porto alegre, v. 2, n. 1, p. 131-148, jun. 2016. Jan/jun. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/emquestao/article/view/14/4>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Silva, marcelo josé de souza e; schraiber, lilia blima; mota, andré. The concept of health in collective health: contributions from social and historical critique of scientific production. Physis: revista de saúde coletiva, rio de janeiro, v. 29, n. 1, 2019.

Soares, amanda gonçalves simões; estanislaú, gustavo; brietzke, elisa; lefèvre, fernando; bressan, rodrigo affonseca. Public school teachers' perceptions about mental health. Revista de saúde pública, [s.l.], v. 48, n. 6, p. 940-948, dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0034-89102014000600940&lng=en&tlng=en. Acesso em: 15 fev. 2021.

Tecla, cristiane; norgren, maria de betânia paz; ferreira, leandra de souza pereira; estanislaú, gustavo m.; fóz, adriana (comp.). Aprendizagem socioemocional na escola. In: estanislaú, gustavo m.; bressan, rodrigo affonseca. Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Porto alegre: artmed, 2014. Cap. 4. P. 1-277.

Vieira, marlene a.; estanislaú, gustavo m.; bressan, rodrigo affonseca; bordin, isabel a. (comp.). Saúde mental na escola. In: estanislaú, gustavo m.; bressan, rodrigo affonseca. Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Porto alegre: artmed, 2014. Cap. 1. P. 13-23.